

Religião, Celebidades e a Razão Contemporânea: o Caso do Papa-acontecimento¹

Juliana da Silva FERREIRA²

As celebridades são, na contemporaneidade, referências de pertencimento ao mundo que auxiliam os sujeitos fragmentados e de múltiplas identidades a encontrarem respostas para o sentido da vida. Coelho (1999) defende, a partir da concepção de modernidade de Simmel, que os famosos se consolidam como pontos de apoio na construção do *self*, o que fica nítido na posição do fã. Um dos principais estudiosos sobre o fenômeno dos célebres, Rojek (2008) vai além e fala do fim das grandes narrativas e, conseqüentemente, de uma verdade absoluta. Segundo ele, a celebridade emerge devido à decadência das religiões tradicionais, à morte de Deus e à consolidação da democracia secular. O sociólogo Durkheim (JOAS, 2011), muito antes, já havia analisado o cristianismo como um passo para a sacralização da pessoa, mas previu sua substituição por uma religião da humanidade, em que o ser humano seria crente e deus ao mesmo tempo. No entanto, a contemporaneidade nos mostra um fato curioso. Celebidades surgem, cada vez mais, do meio religioso, como o Papa Francisco, que se alçou à condição de herói ao trazer um novo tom para a Igreja Católica. Considerando o pontífice um acontecimento, como definido por Quéré (2005), empreendemos uma análise da construção de sua imagem pública em um *corpus* composto por 25 vídeos exibidos no programa Fantástico de março de 2013 a junho de 2014. Os poderes de afetação (capacidade de afetar o público) e hermenêutico (potencial de revelar aspectos do contexto) de Francisco mostram como a contemporaneidade é compatível com a fé, desde que as transformações culturais sejam contempladas. Para tal estudo, lançamos mão das reflexões de JOAS (2011) sobre a importância das tradições na encarnação de valores e normas de conduta. O autor revela como os conceitos de alma e da vida como um dom são caros ainda hoje, provando que a crença em Deus não é incompatível com a razão. Assim, vemos um futuro otimista para a religião na atualidade.

Palavras-chave: Religião; Celebidades; Contemporaneidade; Papa Francisco.

Introdução

O mundo moderno é fruto de transformações substanciais. Houve a revolução científica, que deu origem ao pensamento positivista do mundo e desembocou em outras formas de enxergar a vida e o ser humano. O surgimento do ambiente urbano provocou

¹ Trabalho submetido a X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), a ser realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Email: juckel@gmail.com.

novas constituições de famílias e tribos, novos hábitos e formas de existir na sociedade. O sujeito deixa de ser uma unidade bem construída e fechada para dar lugar a um indivíduo fragmentado e de múltiplas identidades. Seria o fim das grandes narrativas e da verdade absoluta, o que deixaria os atores sociais sem um sentido da vida, em busca de uma âncora temporal como modelo de comportamento.

No mundo contemporâneo, essas referências identitárias não estão mais nas figuras dos guerreiros, dos deuses ou dos santos. Um dos pontos de fornecimento de apoio aos sujeitos está, hoje, nas mãos das celebridades, segundo estudiosos do fenômeno, próprio da sociedade cada vez mais midiaticizada. Para muitos pesquisadores, os famosos são resultado desse movimento de mutação social, que teria como base a ascensão da democracia secularizada, da decadência das religiões tradicionais e da morte de Deus. O fim de um quadro de valores e normas morais que direcionavam a conduta da história humana. Um dos principais expoentes sobre o assunto, Rojek (2008) faz essa relação e diz que os célebres inauguram o culto da distração na sociedade do consumo. O sociólogo Durkheim (JOAS, 2011), ao pensar as religiões nesse contexto, defende que o cristianismo é um dos passos para a sacralização da pessoa, que desembocaria na religião da humanidade, tendo o ser humano como crente e como deus. Enfim, seria o fim das crenças tradicionais e o triunfo de um indivíduo que tem dignidade.

O objetivo deste artigo é investigar justamente o movimento contrário ao que esses estudiosos apontaram. A cada dia, celebridades pregam formas de se conectar com o transcendente. Outras surgem no meio religioso e encantam multidões pelo mundo. Neste trabalho, olhamos especificamente para o Papa Francisco, que reanimou os fiéis, trazendo esperança para a Igreja Católica, além de reunir simpatizantes de outros credos. Ao considera-lo como um acontecimento (LANA; SIMÕES, 2012), investigamos a construção de sua imagem pública a partir das 25 matérias exibidas no programa *Fantástico*, da Rede Globo, entre março de 2013 e junho de 2014. Ao apreender os poderes de afetação e hermenêutico do pontífice, analisamos a contradição entre celebridade e religião.

Em vez de falarmos na perda de valores e do fim de Deus, vemos emergir uma nova conformação moral da sociedade seguida da necessidade de mudanças nas

religiões. Para isso, lançamos mão das reflexões de JOAS (2011) sobre a relação do cristianismo com a gênese dos direitos humanos. Ao mostrar que a crença em um ser onipotente é compatível com a razão, o autor nos dá embasamento para explicar o sucesso do papa. Afinal, Francisco tem o potencial hermenêutico de iluminar o poder que ainda possuem as crenças religiosas na contemporaneidade. Joas fala, ainda, sobre a importância das tradições na encarnação de valores e normas de conduta, revelando como os conceitos de alma e da vida como um dom são caros ainda no contexto atual. O autor defende que a crença em um Deus não é incongruente com a razão. Assim, vemos um futuro possível para a religião no mundo contemporâneo.

1. Nasce a modernidade, nascem as celebridades

As celebridades são, na sociedade contemporânea, fruto de transformações culturais que levaram ao extremo individualismo do sujeito e à fragmentação da identidade. Coelho (1999) mostra como a emergência do ser humano moderno contribuiu para o sucesso dos famosos retomando o sociólogo Georg Simmel e sua concepção de modernidade ao aliar metrópole, fragmentação e individualismo. A cidade urbana, para ele, é carente de instituições sólidas e de credibilidade, o que leva à convivência de diversos grupos, posições e estilos de vida em um mesmo espaço. Muitas vezes, tais atitudes são contraditórias em relação umas às outras. Os humanos são, então, bombardeados por informações e estímulos, o que leva à exacerbação da individualidade, do *self* como único. Isso é percebido pela atitude *blasé*, na qual o indivíduo vê tudo com indiferença e frieza, não se envolvendo emocionalmente com esses estímulos. Sem referências externas sólidas, o ser se isola dentro de si mesmo.

O lugar privilegiado dessa singularidade é o rosto, o “reflexo da alma”, como diz Simmel. “A fama, ao expor um rosto incessante e intensamente à admiração pública, exacerba o atributo universal de todos os rostos – o de exprimir aquela individualidade em particular” (COELHO, 1999, p. 37). A pesquisadora, então, ressalta o papel importante da comunicação, condição para a fama que, ao mesmo tempo, faz dela um de seus temas preferidos. Oferece as formas de interpretação, com diferentes pontos de vista, como o do fã, o do ídolo e do aspirante a ídolo. A mídia ajuda a conformar o mito da fama, que tem como eixo fundamental a fuga desesperada do anonimato.

A abordagem de Coelho ressalta que a imagem do ídolo é uma construção que, muitas vezes, não corresponde ao eu verdadeiro. Além disso, os seguidores dessas figuras públicas têm um motivo a mais para admirar tal pessoa, além de sua personalidade. Os fãs querem encarnar os valores levantados pelos famosos e viver daquela forma, já que veem neles importantes âncoras sociais nos dias contemporâneos. Assim, os veículos de comunicação se afirmam como uma referência de mundo. Repleta de narrativas do cotidiano e biografias de celebridades, vendem a trajetória de vida de figuras públicas, que se revelam referências identitárias. Na busca de sentido e significado para a vida, as biografias dos célebres auxiliam os sujeitos fragmentados (HERSCHMANN; PEREIRA, 2003) a encontrar um modelo de comportamento no mundo. Os caminhos escolhidos pelos anônimos são construídos em conjunto com o sentimento de pertencimento com ídolos, heróis e celebridades. Na mesma perspectiva, Inglis (2012) afirma que até mesmo as grandes narrativas são construídas e inventadas a partir de pedaços de experiências e fatos passados reorganizados e recriados frente a um presente diferenciado. A fama seria importante por destacar as vidas e os estilos que se transformaram com o objetivo de ingressar nas “constelações mais expressivas do passado”. Num mundo cada vez mais rápido, o célebre emergiu como um “adesivo” nos momentos em que esferas da sociedade estão fraturadas e isoladas nos seus guetos. A figura pública estimula uma aproximação, o que ajuda a manter a coesão social e os valores comuns.

Tal forma de encarar o mundo da fama vai ao encontro das reflexões de Rojek (2008), para quem o significado moderno de celebridade está ligado à queda dos deuses e à ascensão das sociedades democráticas e seculares. A importância do rosto público é, para ele, fruto de uma sociedade igualmente pública. “Trato a celebridade como a atribuição de status glamouroso ou notório a um indivíduo dentro da esfera pública” (p. 11). Segundo Rojek, a representação da mídia de determinados indivíduos é ponto chave para compreender a cultura da celebridade. A imagem nos parece mágica ou sobrenatural porque sua presença é encenada. A partir de três modificações sociais - a democratização da sociedade, o declínio da religião organizada e a transformação do cotidiano em mercadoria – o célebre surge como a força integradora da sociedade

secular ao substituir os reis e seu direito divino pelo ser humano comum. Dessa forma, na perspectiva do autor, Deus não teria lugar nessa sociedade, como veremos a seguir.

2. Culto aos famosos: morte de Deus?

As celebridades, segundo Rojek, são um recurso a que as pessoas se voltam em meio às dificuldades e aos triunfos, a fim de obter consolo ou sabedoria e felicidade. Para alguns fãs, as emoções despertadas por elas não estão no nível superficial. “Esses fãs buscam validação em relacionamentos imaginários com a celebridade à qual estão apegados para compensar sentimentos de invalidação e incompletude em alguma outra área de suas vidas” (2008, p. 58). O autor assume que isso se deve a uma relação de intimidade construída pela mídia: a interação parassocial, uma busca por reconhecimento e pertencimento que os famosos oferecem. Eles se afirmam em locais sociais identificados pelo fã e lhe dão sentido. Estão distantes, mas são aproximados pelas narrativas midiáticas constantes e massivas. Há uma ligação com a adoração religiosa reforçada pela atribuição à celebridade de poderes mágicos.

Ao desenvolver sua tese sobre os célebres, Rojek lembra que estudos da Antropologia mostram como todas as culturas têm rituais, mitos, formas divinas, objetos sagrados e venerados, símbolos, indivíduos e lugares consagrados. Na sociedade secular, o sagrado perde a conotação religiosa e se une à celebridade da mídia, objeto de culto. Muitos poderes de cura e previsão são atribuídos a elas. A história da magia mostra o declínio de poderes extraordinários atribuídos a pessoas desde a Idade Média, especialmente com o desenvolvimento científico, mas a crença no sobrenatural não foi totalmente suprimida. A força da religião organizada foi passada para a crença espiritualista na natureza e pela luta entre o bem e o mal. O autor retoma Emile Durkheim que, ao estudar religião, disse que as cerimônias são consagrações do sistema de crença sagrado de uma comunidade e proporcionam escape para comoção coletiva. Essa comoção é uma excitação popular, que pode chegar ao êxtase. Segundo o sociólogo, o desenvolvimento do indivíduo moral tende a terminar com a importância da religião organizada. Mas como o equilíbrio social requer quebras de rotina, o Estado deveria assumir a organização de feriados seculares que liberassem a efervescência e reafirmassem os vínculos da vida coletiva. Rojek relativiza a ideia de Durkheim e

defende que a crença religiosa tem sido reestruturada em torno da natureza e da cultura. Eventos esportivos e campanhas ecológicas causam comoção coletiva com características religiosas, como princípios espirituais transcendentais, valores sagrados e profanos. Para o autor, houve uma convergência entre religião e cultura. A primeira trata de questões fundamentais do ser no mundo. No entanto, mesmo com a religião tradicional decaindo, as questões permanecem. Assim, a cultura da celebridade como pano de fundo da existência rotineira reforça a ideia de que a celebridade seja hoje ponto de reconhecimento e pertencimento na sociedade secular.

Enfim, para Rojek, as celebridades são integrantes do culto da distração, que desvia a atenção da desigualdade e da falta de sentido da existência com a morte de Deus, onde não há mais promessa de salvação. Celebridade e espetáculo preenchem esse vácuo em um culto que valoriza o superficial e o espalhafatoso na dominação da cultura de consumo. O grande problema de tal concepção é o surgimento, cada vez mais frequente, de figuras públicas ligadas à religião. Podemos enumerar muitas, no Brasil, como o zagueiro da seleção brasileira e evangélico David Luiz, o prestigiado Padre Fábio de Melo e o dono da TV Record, Edir Macedo. Nosso objeto de estudo neste artigo, o papa Francisco, é tema recorrente nos materiais noticiosos e foi, inclusive, retratado com a capa do super-homem, segurando uma mala com os dizeres “valores”, em um muro de uma rua de Roma, próximo ao Vaticano. Ídolo, herói e celebridade, o herdeiro do trono de Pedro foi alçado a tal condição em um meio tradicional, religioso e conservador. O célebre - que seria resultado da decadência da religião - surge dentro dela. É fato que a cultura dos célebres tem ênfase em aspectos superficiais - como o consumo, a beleza e o corpo perfeito-, mas consideramos essas figuras em um espectro mais amplo, como referências de pertencimento no mundo. Logo, as compreendemos a partir do modelo praxiológico da comunicação, sendo resultado de um processo dialógico que pede sua existência como referencial identitário. Essa relação fica evidente na análise a seguir da imagem pública de Francisco.

3. O acontecimento Francisco

Ao definir o acontecimento, Quéré (2005) opta pela dialética da experiência, com uma articulação entre o suportar e o agir. Nessa linha de raciocínio, ele acontece a

alguém - o que configura seu poder de afetação - e permite a compreensão do passado e do contexto causal em função do novo sentido que provocou, possuindo também o poder hermenêutico. Produzindo-se, o acontecimento manifesta sua possibilidade e abre outros possíveis, suas diferentes potencialidades. Com base nessa conceituação, a pessoas públicas podem ser consideradas um acontecimento (LANA; SIMÕES, 2012) quando as ocorrências de sua vida ocupam a mídia e geram discussões na sociedade. Os indivíduos-acontecimento têm poder de afetação sobre a vida das pessoas, além de descortinar aspectos do contexto em que estão inseridos. Reconhecemos os poderes deles a partir da imagem pública, apoiada e construída sobre elementos enunciativos linguísticos, como defende Wilson Gomes (2004). A imagem pública se faz com ações e discursos, “sintomas que sirvam para sustentar inferências lógicas” de um complexo de informações, conceitos e ideias compartilhadas por um grupo de pessoas acerca do caráter de um sujeito. Mediada, ela não é definitiva, sendo construída, destruída e reconstruída indefinidamente.

Em 25 matérias veiculadas no programa *Fantástico*, da Rede Globo, entre março de 2013 e junho de 2014, apreendemos a imagem positiva de Francisco. Não é possível analisar todos os vídeos neste artigo, mas é importante mostrar o que foi falado sobre o papa. As reportagens se empenharam a fazer desde uma apresentação do novo pontífice até uma cobertura completa sobre seus passos pelo mundo. Após sua eleição, uma equipe de jornalistas foi até Buenos Aires contar a vida de Bergoglio a fim de situá-lo como uma figura sustentadora da contemporaneidade³. A narrativa biográfica passa pela infância do filho de um contador de uma fábrica de meias e neto do dono de uma mercearia e vai até os conterrâneos, inclusive sua irmã, que elencam suas virtudes: alegria, atenção aos pobres e presença constante em trabalhos voluntários. Humilde, recusou privilégios da batina, como carro e motorista, e escolheu uma vida simples, pegando metrô e ônibus para visitar a periferia da capital argentina, onde celebrava missas e beijava os pés dos fieis. Ele é descrito como simples, inteligente e tipicamente argentino, já que aprecia futebol, tango e mate. Ao fim, Francisco é apresentado como um “papa da periferia” que pode ser a “resposta para o futuro”.

³ FANTÁSTICO ..., *Fantástico*, 17 de março de 2013

A primeira celebração da oração do Angelus na Praça de São Pedro, onde Francisco discursou sobre o perdão⁴, também virou pauta. Foram quatro minutos de vídeo, em que mais uma vez teve destaque a humildade. Outra reportagem contou a trajetória de São Francisco de Assis, santo italiano que inspirou o nome do pontífice. A história é narrada de forma bonita e sublime e aliada à intenção do pontífice. O santo, que pregava perdão, respeito pela natureza, cuidado com os necessitados e simplicidade “tem tudo a ver como o novo papa”, diz o repórter. O dominical também apresentou frases de Bergoglio⁵ em uma seção chamada “Assim pensa o papa Francisco”. Seus pensamentos sobre temas polêmicos – como aborto, morte e corrupção no Vaticano – são apresentados ao público. Em outro vídeo, o programa exhibe o cantor Fagner⁶ interpretando a oração de São Francisco com imagens do conclave. Um segundo clipe⁷ traz padre Fábio de Melo cantando a música de boas vindas ao Bispo de Roma, esperado em julho no Rio para a Jornada Mundial da Juventude.

O dominical também aborda as expectativas da primeira viagem oficial do papa, ao Brasil, para conduzir a Jornada Mundial da Juventude. Uma matéria mostrou jovens que sonhavam em serem escolhidos para se confessar com ele⁸. “Se tiver um padre passando aqui e a gente quiser confessar, a gente senta aqui no banco e fala. É uma conversa, né?”, diz um jovem. O pano de fundo da posse do novo pontífice revela modificações dos dogmas do catolicismo ao longo do tempo. Outra reportagem conta que o prefeito do Rio, Eduardo Paes, confirmou o encontro de Francisco com 23 mil argentinos no Terreirão do Samba, perto do Sambódromo⁹. O texto diz que desembarques de jovens de todos os lugares do mundo não param. Os católicos estavam invadindo a cidade, inclusive com demonstrações públicas de fé, como uma procissão na orla, à vontade para declarar sua fé e defendê-la perante os olhos do mundo. Uma fé que se apresenta renovada e com um papa inovador. Francisco revela que o catolicismo está mudando em relação a assuntos polêmicos e encobertos pela instituição. O tema é debatido numa matéria que tem Zeca Camargo como repórter. Ele vai até o ensaio do

⁴ PAPA ..., Fantástico, 17 de março de 2013

⁵ 'ABORTAR ..., Fantástico, 17 de março de 2013

⁶ CANTOR ..., Fantástico, 17 de março de 2013

⁷ PADRE ..., Fantástico, 17 de março de 2013

⁸ PESQUISA ..., Fantástico, 12 de maio de 2013

⁹ PAPA ..., Fantástico, 21 de julho de 2013

flash mob conversar com os jovens sobre os desafios atuais da Igreja¹⁰. O discurso dos fieis é alinhado ao do próprio papa. Ao invés de evitar tabus, os jovens preferem encará-los, assim como faz o papa. Não é à toa que, em seguida, o dominical apresenta um VT que volta à descrição e à narração da trajetória do papa para firmá-lo como figura pública diferenciada no cenário religioso contemporâneo. A jornalista Ilze Scamparini especula sobre como será a posição do papa na jornada: “Com a cruz de metal, os sapatos velhos e pretos e a batina sem a mantilha vermelha”, diz ela, seus “gestos humildes vêm sendo interpretados como anúncio de mudanças profundas”. Ilze lembra que o pontífice rejeitou os 300m² do apartamento papal, o anel de ouro e o carro de luxo, afirmando uma nova mentalidade. Francisco criou uma comissão de cardeais para a reforma da Cúria Romana, uma “iné dita divisão de poder que muda a face monárquica do papado”, montou uma comissão para fiscalizar o Banco do Vaticano e mudou o código penal interno, tornando as punições para pedofilia mais rígidas.

Em julho de 2013, a Jornada Mundial da Juventude teve início no Rio, e Francisco fez um discurso na Comunidade de Varginha: “O povo brasileiro, sobretudo as pessoas mais simples, pode dar para o mundo uma grande lição de solidariedade”¹¹. Com veste simples, elogiou a população e conseguiu passar novamente sua mensagem de amor pelo próximo. Uma celebridade que agrega valores de um projeto coletivo. Enquanto autores como Rojek apontam a associação entre o individualismo e a construção dos famosos, percebemos uma valorização do bem comum. Mas suas qualidades “mágicas”, que conformam seu carisma, vão além da solidariedade. Os jornalistas do *Fantástico* entrevistaram os “anjos da guarda”¹² de Francisco no Brasil, quatro agentes da Polícia Federal responsáveis por sua segurança pessoal. A reportagem fala das quebras de protocolo, comuns nesse pontificado e que o tornam singular. O público é apresentado a um pontífice que não tem medo do povo, deseja contato humano e quer fornecer esperança a um mundo desorganizado. É caridoso e quer ajudar o máximo de pessoas.

¹⁰ JOVENS ..., *Fantástico*, 21 de julho de 2013

¹¹ PAPA ..., *Fantástico*, 28 de julho de 2013

¹² AGENTES ..., *Fantástico*, 28 de julho de 2013

O papa-acontecimento revela um povo ávido por uma que renove sua fé. O Santo Padre atrai crianças e jovens para o catolicismo com sua personalidade contemporânea e angaria trabalhadores para a instituição em um momento em que o número de padres tem quedas pelo mundo. Na última missa celebrada pelo argentino, na praia de Copacabana, a matéria ressalta a multidão de três milhões nas areias¹³. A própria igreja se mostra tocada pelos atos inéditos de seu novo comandante, o que fica claro quando Dom Orani Tempeste, arcebispo do Rio, diz que ele fez a todos felizes. Falando por uma instituição há décadas criticada pela estagnação no tempo, fez uma solicitação aos jovens: “Sejam revolucionários!”.

Ao conquistar a simpatia do mundo com sua performance e seu carisma, o argentino se encontra para além de um chefe de estado e líder religioso. Está no patamar da celebridade, figura que, como diz Coelho (1999), serve como sustentação para o mundo cada vez mais fragmentado e individualizado. O novo papa se tornou uma das âncoras temporais que permitem a sensação de segurança dos anônimos em vida. Isso foi reforçado nos 30 minutos de entrevista exclusiva ao *Fantástico*, na qual falou abertamente sobre suas escolhas humildes e os problemas da Igreja. Questionado por ter dispensado o carro de luxo, disse que os sacerdotes devem “dar o testemunho de certa simplicidade” e de pobreza. Para ele, Deus pede ao catolicismo mais simplicidade. As quebras de protocolo durante a Jornada são justificadas: “Eu não tenho medo. Sou inconsciente. Sei que ninguém morre de véspera”, explicou. Por isso, pediu que os vidros fossem retirados do papamóvel: “Se você vai visitar alguém que ama, vai fazer essa visita numa caixa de vidro? Não. Não poderia ver esse povo com grande coração assim. Ou tudo ou nada. Ou fazemos a viagem com comunicação humana ou não fazemos. Comunicação pela metade não faz bem”. Sobre a redução de fieis, afirmou que o afastamento da instituição da sociedade, se apegando a dogmas já não mais cabíveis no mundo atual, pode ter contribuído para isso: “A Igreja é mãe. Nem você ou eu conhecemos mãe por correspondência. Mãe dá carinho, toca, beija, ama”. Francisco também falou sobre os escândalos no Vaticano e a importância do cuidado com as minorias. “É preciso estimular a cultura do encontro em todo o mundo. É importante que todos trabalhem pelos outros, segundo a própria fé. Não podemos brigar entre nós

¹³ TRÊS ..., *Fantástico*, 28 de julho de 2013

à custa dos outros. As religiões não podem dormir tranquilas enquanto existir uma criança que morre de fome, sem educação”, conclui a entrevista. A imagem pública positiva do latino-americano e sua ascendente popularidade contradizem, então, a ideia de que a contemporaneidade é incompatível com as religiões tradicionais.

4. Contemporaneidade em comunhão com a religião

Se as celebridades são fruto da decadência da religião e da morte de Deus no mundo contemporâneo, como defende Rojek (2008), seria de se esperar que figuras como Francisco não alcançassem tal nível de popularidade. O quadro atual, pelo menos, não nos leva a esse caminho. Uma pesquisa recente – realizada pela rede Worldwide Independent Network of Market Research (WIN) em 65 países do mundo¹⁴ – chegou ao resultado de que apenas 11% da população se declaram atea. Além disso, somente 22% dizem não ter religião. No Brasil, o índice de religiosos é de 79%. No mundo, há lugares onde a religiosidade chega a 94%, como a Tailândia. Armênia, Bangladesh, Geórgia e Marrocos têm 93% dos habitantes seguindo alguma crença. Os números mostram que a contemporaneidade – por mais que tenha passado por transformações culturais profundas – ainda carece de religiões tradicionais. Para Joas (2008), que discute uma dessas mudanças ao analisar a gênese dos direitos humanos, o triunfo destes desmente as teses de que as sociedades atuais representam a decadência de valores: “Mas justamente esse triunfo lança luz sobre ‘visões’ mais antigas, sobre germes ou raízes dos direitos humanos em tradições individuais ou em todas as tradições religiosas e culturais” (p. 23). O autor não afirma que os direitos humanos têm origem somente nas religiões, mas vê importância nelas – em especial o cristianismo – para sua ascendência. Assim, a consolidação dos preceitos não contradizem as crenças e provam que não há uma perda de valores na contemporaneidade, mas uma remodelação. Segundo ele, a situação moral atual é constituída pelo relaxamento em alguns setores, mas também de maior sensibilidade em outros.

Durkheim, ao ver a pessoa como objeto sagrado nas sociedades modernas, coloca a moral dos direitos humanos como religião, na qual o ser humano é crente e deus ao mesmo tempo (JOAS, 2008). O sociólogo propõe a religião da humanidade

¹⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/05/de-cada-10-brasileiros-8-dizem-ser-religiosos-diz-pesquisa-internacional.html>>, Acesso em: 07 de junho de 2015.

como uma crença que pode integrar sociedades inteiras. Segundo ele, a sacralização do ser humano é algo que se conserva independentemente das opiniões individuais. Há, para Durkheim, uma relação com o cristianismo sim, já que foi esse mesmo impulso que o originou ao pensar na pessoa como passível de piedade. Os direitos humanos, então, seriam uma continuidade da tradição cristã. Ou melhor, uma superação. Afinal, Durkheim define como religião “um sistema comunitário de concepções de fé e de práticas referente a coisas sagradas, isto é, coisas segregadas e proibidas – concepções de fé e práticas que unem todos que aderem a elas na mesma comunidade moral chamada igreja” (apud, JOAS, 2008, p. 88). Joas retoma o estudioso para questionar se a santidade humana pode se converter em religião, suprimindo a religião tradicional.

Para responder tal questão, Joas diz que há dois componentes muito importantes do cristianismo na origem dos direitos - imagem fiel de Deus e filiação divina – e propõe uma articulação dos conceitos com o pensamento contemporâneo. Assim, a imagem fiel de Deus se transforma “na ideia de um cerne divino essencial de todo e qualquer ser humano: a sua alma imortal” (p. 206). Ele retoma os pragmatistas, em especial William James, que não despreza os objetos de fé, pois a teoria da alma pode não ser relevante ao meio científico, mas é cara ainda devido a algumas razões. São elas a garantia que a alma fornece à imortalidade e a responsabilidade que nos imputa no juízo final. Sem falar, é claro, na garantia da sacralidade da pessoa ao fornecer um cerne sagrado ao ser humano. É importante ressaltar que James, como lembrou Joas, não refuta a possibilidade de vida após a morte. Já a filiação divina se torna a ideia de que a “nossa vida é um dom, do qual decorrem, como de todo e qualquer dom, obrigações que restringem a disponibilidade que temos de nós mesmos” (p. 206-207). Logo, a reformulação contemporânea da vida como dom impede sua instrumentalização ao prover a dignidade humana universal e dos direitos humanos inalienáveis. Essa asserção de Joas não é uma tentativa – como ele mesmo diz – de provar que é preciso crer na imortalidade e em Deus. Ele mostrou apenas que tal crença não é oposta à razão.

Assim, ao defender que a sacralização da pessoa dá origem aos direitos humanos e à dignidade da pessoa, Joas diz que a tradição, por si só, não produz nada, mas sim a apropriação dela pelos sujeitos dentro do campo de tensões entre valores, práticas e instituições. Dessa forma, a tradição precisa se posicionar em relação ao novo. O exemplo do

autor é a relação entre o cristianismo e os direitos humanos. Estes são um desafio para o primeiro, pois obrigam uma reinterpretação da sua interpretação de mundo. Vemos isso claramente na análise da imagem pública do papa Francisco. Seu poder de afetação mostra que a performance do pontífice toca tanto os católicos quanto os não fieis. O discurso inovador de amor e ecumenismo carrega o tom progressista que a sociedade atual almeja. Sobre o contexto – o poder hermenêutico –, o argentino revela os problemas da Igreja Católica e ilumina a queda acentuada de seguidores da religião. No entanto, também abre um possível: a esperança de uma instituição renovada, capaz de avaliar sua conduta, corrigir os erros e seguir em consonância com a modernidade. O pontífice encarna o sentimento de mudança em uma figura humilde que está ao lado dos pobres e dos marginalizados, como os homossexuais e os divorciados. Podemos pensar que a queda na quantidade de fieis católicos e em outras denominações religiosas seja o reflexo de instituições que pararam no tempo e não evoluíram com a modernidade. Quando alguém faz isso, é perceptível o otimismo das pessoas. Em menos de um ano de pontificado, Bergoglio atraiu mais de 6,6 milhões ao Vaticano. Um levantamento feito pelo Pew Research¹⁵, em março de 2014, mostrou que 85% dos católicos dos Estados Unidos veem o argentino de forma favorável. Apenas 4% confessaram alguma opinião negativa sobre ele, considerado uma mudança boa para 68% dos entrevistados. Os não católicos também o aprovam: 51% deles pensa o mesmo. A pesquisa mostrou que o papa não contribuiu para o aumento de fiéis norte-americanos, mas 40% disseram estar rezando mais, e 26% se declararam mais animados com a fé.

Considerando o célebre moderno como Rojek (2008) o faz, consequência da queda dos deuses e da ascensão de sociedades seculares e democráticas, o papa seria famoso paradoxalmente, já que seria o resultado de uma sociedade sem Deus, um recurso para obter consolo ou sabedoria e felicidade. Francisco chegou a tal patamar na condição de um defensor ferrenho de Deus e de uma lição que foge ao individualismo da contemporaneidade. Rojek diz que, assim como os cristãos procuravam o conforto e a inspiração em Jesus, os indivíduos da atualidade jogam essa responsabilidade nas

¹⁵ Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2014/03/07/interna_int,505401/papa-francisco-confessa-ter-roubado-um-rosario-durante-velorio.shtml>. Acesso em: 6 de julho de 2014

celebridades. O pontífice pode ser compreendido, então, como uma união do novo e do velho que deu certo, fazendo a tradição se mover para responder aos anseios da modernidade. Como um acontecimento, abre vários possíveis, entre os quais está um futuro otimista para a religião na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

COELHO, M. Cláudia. **A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa**. São Paulo: FGV, 1999.

GOMES, Wilson. A Política de Imagem. In: **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus. 2004. p. 239-290.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs.). **Mídia, Memória e Celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

INGLIS, Fred. **Breve história da celebridade**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2012.

JOAS, Hans. **A sacralidade da pessoa: nova genealogia dos direitos humanos**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

LANA, Lígia; SIMÕES, Paula Guimarães. Duas vinculações possíveis entre personagens públicos e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 213-231.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. In: **Trajectos - revista de comunicação, cultura e educação**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Nº 6, Primavera de 2005.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.